



**Formação, obediência e humanismo: considerações sobre a *educação infantil medieval* nas *Monodíes* do abade Guiberto de Nogent (séc. XII)**

**Formation, obedience and humanism: considerations about the *Middle Ages child education* in the *Monodies* of abbot Guibert of Nogent (XII century)**

Carlile Lanzieri Júnior

**Resumo:** Em 1115, o abade beneditino Guiberto de Nogent (1055-1125) concluiu a sua obra de memórias, comumente chamada *De vita sua* pelos autores modernos. Dividida em três livros, essa obra chama atenção pelo caráter absolutamente pessoal de sua primeira parte. Nela, Guiberto escreveu detidamente sobre vários acontecimentos que se estenderam de sua infância até parte de sua vida adulta. Dentre eles, analisaremos nesse artigo aqueles nos quais o abade lembrou os detalhes da educação que recebera quando criança e nos primeiros anos em que vivera em um mosteiro. Uma educação marcada pelo rigor, mas também pela preocupação com a formação moral e acadêmica do indivíduo, traços marcantes da pedagogia monástica beneditina medieval.

**Abstract:** In 1115, the benedictine abbot Guibert of Nogent (1055-1125) concluded his book of personal memories, usually called *De vita sua* by modern authors. Shared in three parts, this book calls attention because the absolutely personal aspect of its first part. In it, Guibert wrote very much about the several events that happened in his infancy and part of his adulthood. Among some of them, we will analyze in this article those in which the abbot remembered the details about the education that he received when he was a boy and in the early years in which he lived in a monastery. An education signed by the hardness, but also the worrying with the moral and academic formation of the individual too, important marks of the medieval benedictine pedagogy monastic.

**Palavras-chave:** Guiberto de Nogent – monasticismo – educação medieval.

**Keywords:** Guibert of Nogent – monasticism – medieval education.

Imagem 1



Nessa iluminura das *Estórias da Bíblia* de Pedro Comestor (Paris, 1372, f. 327v), há dois personagens: à direita, um professor, à esquerda, seu aluno. Sentado em um banco e tendo à frente uma prancha com um livro aberto, esse educador conversa com seu discípulo, o que é confirmado pelo dedo indicador que ele aponta para o rapaz. Sentado em uma almofada, o jovem, ainda imberbe, veste uma túnica escura, e com as mãos segura um livro. Estaria ele ouvindo considerações sobre a obra que está diante de seu professor? Algumas gramíneas espalhadas pelo chão sugerem que as lições eram realizadas ao ar livre. A cor vermelha do fundo da imagem é a mesma do barrete do professor e da almofada na qual o aluno está acomodado, o que pode ser uma pista que demonstra o domínio do docente sobre a situação.

Em 1115, o abade beneditino Guiberto de Nogent (1055-1125) concluiu a sua obra de memórias pessoais: *Monodies* (Edições críticas: ARCHAMBAULT, 1996; BENTON, 1984; LABANDE, 1981). Dividida em três livros distintos, pesquisadores modernos a definiram como um texto autobiográfico, devido ao caráter absolutamente particular de sua primeira parte. Por conseguinte, chamaram-na *De vita sua*. Composta por 26 capítulos, a etapa de abertura dessa obra do abade de Nogent encontra-se recheada com episódios marcantes ocorridos basicamente em sua infância e juventude.

Neste artigo, teremos como mote analisar os capítulos nos quais esse abade nos disse algo sobre a educação elementar que recebera em seus primeiros anos de vida. Na visão de Guiberto, tratou-se de um ensino deficiente e que marcou profundamente as lembranças de seu tempo de menino. Entretanto, serão justamente as críticas proferidas por Guiberto de Nogent que irão nos permitir compreender algumas das singularidades (teorias e métodos) da pedagogia disseminada em boa parte dos mosteiros medievais dos séculos XI e XII. Uma forma de se pensar a educação muito diferente da concepção estritamente técnica que prevalece na sociedade coeva.

\*

Guiberto de Nogent era o filho mais novo de uma nobre família do norte do reino da França medieval. Sua mãe casou-se muito nova, com cerca de doze anos de idade. Durante um longo período, ela permaneceu infértil. Segundo Guiberto, a explicação para o casamento infrutífero de seus pais seria um feitiço lançado por uma tia do noivo, que almejava vê-lo casado com outra pessoa. Somente depois de sete anos nasceram os primeiros filhos deste casal, um claro sinal de que o casamento, enfim, recebera as bênçãos celestiais (DUBY, 1988: 105).

O nascimento de Guiberto fora marcado por dúvidas e tensões: o parto estava complicado, conduzindo mãe e filho à morte. Sob o comando do pai do futuro abade Nogent, os familiares que presenciavam aquela terrível cena decidiram que o melhor a fazer era rezar. Diante do altar da Virgem Maria, o preocupado esposo resolveu que se a vida da criança fosse poupada ela seria destinada à Igreja, não importando o sexo que viesse ter. O pedido feito aos céus fora atendido e ambos acabaram sobrevivendo.

Para Guiberto não havia dúvidas: a decisão tomada por aquele homem e as orações dos que lhe acompanhavam foram decisivas para a sua salvação. Mas o abade nos revela em suas memórias que sua mãe tinha certeza de que seu

esposo quebraria o voto feito à Virgem em futuro não muito distante. Isso aconteceria no momento em que o menino estivesse na ocasião de ser armado cavaleiro. No fim, a tradição cavaleiresca deveria falar mais alto, o que despertava um grande temor na devotada mãe do abade. Mais uma vez o providencialismo divino voltou a atuar na vida do pequeno Guiberto: seu pai faleceu poucos meses após o seu nascimento. O destino de Guiberto de Nogent não mais corria riscos de ser alterado.

A jovem esposa fora tomada por uma imensa dor. Sua tristeza encontrava consolo apenas no fato de ter a certeza de que o seu caçula permaneceria no caminho que havia sido traçado para ele desde o instante exato em que viera ao mundo. Viúva e aparentemente sem a presença de uma figura masculina mais influente em sua vida, a mãe de Guiberto recusou um novo matrimônio e dedicou-se a cuidar de seu último rebento e de seu patrimônio. Uma liberdade que ela desfrutou até por volta de seus quarenta anos de idade, quando decidiu mudar de vida, indo viver ao lado de uma velha em um casebre perto da abadia de Saint-Germer de Fly (MULDER-BAKKER, 2005: 24-50). Guiberto tinha cerca de doze anos nessa época. Poucos meses depois, ele fora aceito nessa mesma abadia a pedido de sua mãe.

Ao contrário da maioria dos jovens meninos de sua idade, Guiberto de Nogent permaneceu sob os cuidados de sua progenitora. Dessa mulher, ele se separou em definitivo apenas por volta de seus cinquenta anos, quando fora eleito abade do mosteiro Saint-Marie de Nogent (c. 1104). Ao longo de sua vida, ela deu a Guiberto atenção e muito carinho, preparando-o dia-a-dia para a vida religiosa que o aguardava.

Tu sabes, ó único Todo Poderoso, como ela me cultivou de acordo com seus modos sagrados. Quantos trabalhos ela teve para escolher minhas enfermeiras, tutores e mestres! Meu corpinho não foi desprovido de roupas luxuosas, quando eu era muito jovem, tanto que me parecia nobremente vestido como um jovem príncipe ou conde. [...] Ó Deus, tu sabes quantas advertências ela colocou diariamente dentro de meus ouvidos, para que não pudesse ouvir as vozes da corrupção. Quando arranjava algum tempo livre e longe das tarefas domésticas, ela me ensinava como rezar e com quais intenções. Só tu sabes quantos sofrimentos ela teve – comparáveis com aquele do parto – para impedir que um espírito imundo pervertesse a sã e promissora juventude que eu devia a tua generosidade. (*Monodies*, livro 1, cap. XII)

Sempre atenta e zelosa, essa mulher ensinava seu filho mais moço o caminho de uma vida cristã, desviando-o de tudo que considerasse impuro. Dividia seu

tempo entre os afazeres domésticos e religiosos e a criação do pequenino. Quando Guiberto de Nogent estava com seis ou sete anos, ela lhe providenciou um tutor (*grammaticus*), que ficaria a cargo de sua educação formal inicial.

Há algumas décadas, o historiador francês Philippe Ariès (s/d: 17-22) afirmou que no mundo medieval não havia lugar para a infância e que as crianças eram simplesmente tratadas como pequenos adultos. Essa tese influenciou uma geração de pesquisadores, mas foi recentemente refutada por Ricardo da Costa (2002: 13-20) pelo fato de o autor europeu ter se utilizado apenas de algumas fontes iconográficas para estabelecer tal tipo de afirmação. Para Costa, os medievais tinham uma forma diferente de lidar com seus filhos, o que não pode ser interpretado como indiferença ou falta de amor. A grande vontade demonstrada pelo pai de Guiberto de Nogent em salvar a vida de seu filhinho e a posterior preocupação de sua esposa com o bem-estar e o bom desenvolvimento intelectual do garoto também contrariam as assertivas de Ariès, ajudando a confirmar a inadequação de sua teoria.

Em momento algum, Guiberto mencionou durante suas *Monodies* o nome do educador que lhe assumira como aluno. Analisando outras fontes primárias, Jay Rubenstein (2002: 18-19) levantou a hipótese de que “Solomon” seria o provável nome desse homem. Todavia, esse autor deixou essa questão em aberto, ao afirmar que o referido termo também poderia ser uma expressão utilizada simplesmente para demonstrar respeito à autoridade do professor. Como há muitos manuscritos medievais com iluminuras em que o professor é representado como “Salomão”, para nós, a segunda opção apontada por Rubenstein parece ser a mais provável.

## Imagem 2



*Estórias da Bíblia* de Pedro Comestor (Paris, 1372, f. 225r). Com uma imensa vara na mão esquerda, Salomão admoesta incisivamente o aluno ao estudo, que, por sua vez, folheia um livro. Para os educadores medievais, o controle do corpo precedia o da mente, o que tornava os castigos um corretivo, ou seja, um ato que traria a correção aos estudantes relapsos e ainda pouco afeitos aos rigores inerentes ao bom desenvolvimento intelectual.

No início, esse tutor demonstrou um pouco de receio em atender o pedido feito pela mãe de Guiberto de Nogent, pois já se encontrava encarregado de cuidar da instrução de outra criança. Para o abade, ele intimamente temia perder os privilégios materiais que a família desse aluno lhe oferecia. Sua mudança de opinião aconteceu após um sonho, no qual viu o jovem Guiberto sendo a ele conduzido pelas mãos de um ancião. Esse sonho foi apenas o primeiro que o abade de Nogent nos contou em suas memórias. Um sonho de natureza absolutamente decisiva e reveladora. Como muitas outras que se sucederam, essa experiência onírica foi capaz de mudar o rumo dos acontecimentos na vida desse beneditino (Cf. LE GOFF 2002: 511-529 e 1994: 283-348).

Ainda que obscurecido pela falta de um nome próprio que o identificasse diretamente, esse homem mostrou-se dedicado à função que lhe fora confiada

(PARTNER, 1996: 360). Com Guiberto, permaneceu por cerca de seis anos seguidos. Em constante vigília, procurava manter o garoto bem afastado das frivolidades do mundo e das más companhias de outros meninos da mesma idade. Mas para Guiberto, o grande esforço do tutor não era capaz de compensar seu despreparo explícito no conhecimento da gramática, a primeira das sete artes liberais (Cf. COSTA, 2005 e MONGELLI, 1999).

O homem a quem minha mãe decidiu me enviar tinha começado a estudar gramática tarde na vida e era o mais incompetente em sua arte, pois havia absorvido pouco dela em sua juventude. Entretanto, ele era um homem muito modesto, compensou em honestidade o que lhe faltava em conhecimento literário. (*Monodies*, livro 1, cap. IV)

Guiberto de Nogent descreveu seu professor como um indivíduo portador de algumas qualidades pessoais, mas não era um homem de saberes acadêmicos vultosos. A razão disso: ele havia iniciado os estudos em uma idade avançada. Entregando-se de corpo e alma ao trabalho que lhe fora confiado, ele tentava superar a formação deficitária que possuía. Demandava sempre o máximo de Guiberto e vigiava cada um de seus passos. Por sua vez, o menino comportava-se religiosamente, seguindo o ritmo contínuo imposto pela vigorosa batuta de seu tutor.

Eu não podia ir a lugar algum sem a sua permissão, não podia comer fora de casa ou aceitar presentes de ninguém sem o seu consentimento. Eu não podia fazer qualquer coisa destemperada, quer fosse em pensamento, palavra ou ação. Ele parecia esperar que me comportasse mais como um monge do que como um clérigo. (*Monodies*, livro 1, cap. V)

Desde cedo, Guiberto era preparado para servir à Igreja. Todas as suas atitudes eram supervisionadas pelo severo tutor. Sua rígida rotina de estudos era diária e não excluía nem mesmo os domingos e dias santos. Qualquer uma das atividades sociais do menino deveria passar pela prévia aprovação desse *grammaticus*. Quando o aluno cometia algum erro ou não conseguia aprender o que lhe era ensinado, recebia grandes surras como punição e advertência. Motivo para queixas por parte de Guiberto:

Claramente, não merecia as saraivadas que ele me deu, pois se tivesse sido um professor especializado, como tinha se gabado, eu seria perfeitamente capaz, apesar de ser uma criança, de entender o que estava dizendo, caso tivesse dito corretamente. Mas, dificilmente, ele poderia expressar uma frase completa, visto que estava tentando mostrar algo que não estava claro em sua mente. Quando falava, delirava em banalidades, nunca podia totalmente dar conceitos, nem ao menos conferir inteligibilidade ao que estava dizendo. (*Monodies*, livro 1, cap. V)

Aos olhos do abade, aquele homem acabou fracassando em seu trabalho por não ter os mínimos predicados intelectuais para tanto. Confundia-se em tudo que tentava fazer, demonstrando despreparo e superficialidade. Sem querer discordar das duras e francas críticas do abade, devemos apenas salientar que Guiberto de Nogent falou a respeito daquele convívio muitas décadas depois de ter ocorrido, quando ele já era um teólogo com algum reconhecimento e autor de várias obras de grande erudição e sensibilidade. Assim, é provável que sua percepção sobre a falta de conhecimentos do tutor tenha aparecido tardiamente.

Também não devemos tomar as ações desse professor em relação a seu aluno como simples atos de brutalidade e incompreensão, pois sovas e castigos eram comuns às práticas pedagógicas medievais. A própria *Regra de São Bento* (c. 480 - c. 550) (1999: 163, 169 e 227) previa esse tipo de punição para jovens monges estudantes relaxados e indisciplinados (COSTA, 2002: 17-18). Punir para formar, educar e preservar a disciplina. Entretanto, um fato parece estar bem evidente no discurso deixado pelo abade Guiberto de Nogent: apenas professores bem preparados deveriam cuidar da educação dos mais novos, ainda pouco constantes em seu comportamento.

Para os medievais, o conhecimento já se encontrava presente no ser humano (COSTA, 2003: 102). Ao educador ficava a responsabilidade de descobrir uma forma de fazer esse saber aflorar – o que nos faz pensar que não se excluía a aplicação de algumas pancadas! Mas segundo Jay Rubenstein (2002: 19), em um momento específico o tutor de Guiberto acabou excedendo o padrão de violência corporal considerado normal ao senso de propriedade do século XII, o que deixou a mãe do futuro abade muito preocupada.

Como normalmente fazia, ela começou a me perguntar se eu tinha sido espancado naquele dia. Então, para não parecer que queria denunciar meu tutor, não fiz afirmações diretas. Sem pedir permissão, minha mãe tirou minha roupa de baixo (alguns chamavam túnica, outros de camisa de baixo). Ela viu que meus bracinhos estavam negros e azuis, e que a pele em minhas costas estava inchada, devido às pancadas que tinha recebido. Minha mãe suspirou quando viu como cruelmente eu tinha sido tratado em tenra idade. Ela estava perturbada e totalmente agitada, seus olhos caíram em lágrimas quando disse: “Se esse é o caminho que está tomando, não se tornarás um clérigo!” Deveria adicionar aqui que ela já tinha me prometido que, quando eu tivesse idade, iria me prover com armas e equipamentos, caso quisesse me tornar um cavaleiro. (*Monodies*, livro 1, cap. VI)



O excesso punitivo cometido contra o menino fora tamanho, que despertou desconfiças em sua mãe. Ela queria transformar o filho em um homem da Igreja, mas seria capaz de abrir mão disso, caso fosse feito uso de tratamentos cruéis e violentos (ARCHAMBAULT, 1996: 41, nota 41). Mesmo com o corpo ferido pelas saraivadas recebidas, Guiberto não quis aceitar a oferta materna. A existência errante e brutal de um cavaleiro não lhe despertava paixões, a aspiração de assumir a vida monástica, para a qual fora prometido desde o nascimento, ainda permanecia acima de qualquer coisa, uma chama que jamais se apagaria.

Nas entrelinhas, ainda podemos perceber que o intento do abade Guiberto de Nogent nessa passagem era ser uma boa referência de vida através do comportamento firme que assumiu diante de sua mãe. Antes de proferir qualquer palavra (*verbo*), um monge deveria ensinar a seus irmãos pelas boas atitudes (*exempla*): silêncio, caridade, prudência, obediência e humildade (BYNUM, 1982: 40). Deste modo, Guiberto desejava se mostrar como um bom exemplo de superação e controle de seus desejos mais íntimos. Desde muito cedo, o século não fora capaz de seduzi-lo.

Embora machucado, Guiberto continuou sua caminhada ao lado de seu rígido tutor. Separando o método da pessoa, o abade demonstrou a maturidade construída durante anos de vida no claustro, ao diminuir sua aparente hostilidade em relação a seu professor. Na verdade, Guiberto de Nogent acabou por demonstrar em suas lembranças um certo afeto tardio por aquele professor, deixando seus ataques recaírem mais sobre a forma de trabalhar e tentar instruir que esse homem lhe impôs.

Estou dizendo isso, Senhor, não porque queira estigmatizar esse homem que, apesar de tudo, foi um bom amigo, mas na condição de deixar os leitores saberem, quem quer que sejam, que não devemos pensar que somos autorizados a ensinar como verdade qualquer coisa que atravessa nossas mentes. Não nos deixe perder outras pessoas nas sombras de nossas próprias teorias. (*Monodies*, livro 1, cap. V)

Bem no fundo, o abade de Nogent minimizou suas críticas iniciais ao entender que aquele homem tinha bons sentimentos em relação a ele. É plausível afirmar que o tempo e a vida adulta mostraram para o abade que aquele rude professor dava-lhe carinho e proteção a seu modo. De certa forma, a vigilância constante desse indivíduo ajudou na formação de Guiberto, desde cedo familiarizado com o rigorismo exigido pela existência monástica. Vejam: as repreensões e surras não causaram traumas posteriores em Guiberto! Mesmo sem conseguir bons resultados em seu intento, esse

tutor ambicionava tirar o melhor que podia de seu aluno, preparando-o para um amanhã que já estava há muito projetado.

Por mais opressivo que fosse, meu mestre tornou claro para mim que de todas as formas me amava não menos do que amava a si mesmo. Ele zelava por mim com grande diligência. Cuidava de meu bem estar com muita atenção, temendo as más intenções que algumas pessoas me direcionavam. Ele me avivou urgentemente a me guardar contra a corrupção de algumas pessoas que tinham os seus olhos em mim e também advertiu minha mãe contra me vestir tão elegantemente. Em uma palavra: ele parecia mais um pai que um tutor, mais o zelador de minha alma do que meu corpo. (*Monodies*, livro 1, cap. VI)

Depois de investir contra o trabalho desenvolvido por seu antigo tutor, Guiberto de Nogent demonstrou que havia conseguido compreender que esse homem o amou. Um amor que poderia ser observado nos conselhos e advertências que ele lhe dera. Mesmo assim, o abade não abriu mão de falar uma vez mais acerca da necessidade de um professor ser uma pessoa de bom preparo acadêmico, o que certamente lhe impediria de cair no senso comum e ensinar como verdade qualquer coisa que lhe viesse à mente. A mãe do abade sempre estava próxima desse educador, confidenciando-lhe seus sonhos e angústias mais íntimas. Na ausência de um marido, ele acabou exercendo o papel de pai de seu filho.

Das críticas diretas, Guiberto passou para o campo das soluções. Do alto de seu profundo conhecimento teológico e filosófico e da vivência adquirida nas escolas monásticas, o abade de Nogent ofereceu a seus leitores uma interessante forma de se compreender e trabalhar a mente dos educandos: Então, é de minha opinião, que qualquer mente concentrada em um objeto específico deveria trabalhar variando os graus de atenção. Alternadamente, pensando sobre uma coisa e depois outra, nós deveríamos ser capazes de nos voltarmos para a única coisa sobre a qual nossa mente mais se interessa, como se renovada pela recreação que demos a nós mesmos. A natureza também tende a ficar cansada e deveria encontrar o seu remédio em uma variedade de atividades. Devemos lembrar que Deus não criou um mundo uniforme, mas nos permitiu desfrutar as mudanças do tempo [...]. Pessoas que se chamam de professores deveriam encontrar maneiras de variar a educação das crianças e dos jovens. Em minha opinião, mesmo estudantes que têm a seriedade de pessoas mais velhas não deveriam ser tratados de forma diferente. (*Monodies*, livro 1, cap. V)

Escrito ainda nas primeiras décadas do século XII, o moderno método de estudo proposto por Guiberto de Nogent para a elevação de jovens estudantes ao conhecimento individual e espiritual era bem prático e simples:

variedade, mudanças de ritmo e exercícios (ARCHAMBAULT, 1996: 17, nota 37). Sem qualquer tipo de imposição ou pedantismo por parte dos educadores, os momentos para descanso da mente deveriam ser respeitados. Para dar força às suas afirmações, o abade lembrou que nem mesmo Deus, em sua perfeição e grandeza infinitas, criou o mundo todo igual.

Mas o que nos salta aos olhos é o humanismo e a preocupação demonstrados por Guiberto de Nogent com o imperativo de se ter os alunos como o centro das atenções. Não importando seu temperamento, cada um deles teria um tratamento diferenciado e afinidades respeitadas. Ao que tudo indica, nosso personagem tinha clara consciência a respeito da existência de diferentes formas de inteligência. De acordo com a pedagogia medieval, os estímulos recebidos teriam puramente a função de instigar aqueles que estivessem em processo de aprendizagem, não asfixiá-los. Muitos séculos antes, Santo Agostinho (354-430) (2002: 42), uma das fontes de inspiração de Guiberto, afirmou em suas **Confissões**: “[...] ninguém faz bem o que faz contra a vontade, mesmo que seja bom o que faz.”

Se levarmos em conta a procedência beneditina de Guiberto de Nogent, entenderemos melhor esse seu cuidado. A *Regra de São Bento* tinha como uma de suas principais balizas a premissa de se tratar os reclusos respeitando gostos, virtudes e limitações (COLOMBÁS, 1990: 65). Nem mesmo a autoridade do abade era absoluta, existindo alguns espaços para diálogos e troca de experiências. Como um pastor bom e prudente, Guiberto demonstrava ter consciência de que era preciso administrar sabiamente as diversidades, pois as pessoas não são iguais, nem mesmo os monges.

Outra ressonância da regra beneditina no método do abade Guiberto é o incentivo à obediência. Uma obediência que deveria ser conquistada pela confiança e na esperança de dias melhores ao lado de Deus. Nesse ponto, o abade muito bem utilizou sua própria vida como um belo modelo edificante: obedecer sempre, mesmo que o fardo imposto fosse muito difícil de ser carregado. Eis uma pequena parte do que a regra nos diz sobre esse tema específico:

Mas essa mesma obediência somente será digna da aceitação de Deus e doce aos homens, se o que é ordenado for executado sem tremor, sem delongas, não mornamente, não com murmuração, nem com resposta de quem não quer. Porque a obediência prestada aos superiores é tributada a Deus. (Cap. 5, 14-15)

Em suma, para a *Regra de São Bento* obedecer piamente era sinônimo de agradar a Deus. Também seria uma maneira de imitar o martírio purificador de Jesus Cristo, que suportou todos os sofrimentos e foi obediente até mesmo na eminência de sua morte. Ao afirmar que se sujeitou a seu tutor, Guiberto de Nogent tinha estes dois princípios bem pontuados em seus pensamentos. À obediência dos beneditinos, seguia-se a necessidade incessante de ser exemplo. Um modelo a ser seguido sobretudo pelos mais novos, ainda pouco afeitos às severidades do claustro. Ao expressar suas idéias mais recônditas, o abade Guiberto de Nogent intentava cuidar de seu rebanho, oferecendo a ele sua história pessoal como prova de boa conduta e de que o amor de Deus era o tesouro a ser encontrado ao fim de uma árdua e longa caminhada.

Figura 3



Vestindo uma túnica preta, Guiberto de Nogent ajoelha-se diante de Deus e

lhe entrega seu *Tropologiae in prophetis*, um livro com comentários bíblicos. A cena é faustosa e solene. Sentado em posição majestática no interior de uma letra “A” e proporcionalmente maior que os outros personagens retratados, Deus recebe com sua mão direita o que o abade lhe entrega; na mão esquerda, segura as Escrituras Sagradas, símbolo máximo do saber cristão por Ele inspirado. Testemunham de perto o acontecimento São Jerônimo e o profeta Oséias. O primeiro traz nas pontas de seus dedos uma pena, o segundo porta um pergaminho, ambos objetos que simbolizavam o saber. O ato de Guiberto e todos os simbolismos presentes nesta iluminura nos permitem vislumbrar o quanto a escrita de um livro e a busca pelo conhecimento – com seu posterior crescimento espiritual – representavam para os homens da Idade média. (BN lat. 2502, f. 1r, em RUBENSTEIN, 2002: 200)

O abade Guiberto de Nogent escreveu seu livro de memórias por volta de seus sessenta anos. Nesse momento de sua vida, ele era um homem possuidor de grande sabedoria e autor de várias obras de teor teológico. Também era uma pessoa conhecida e reverenciada por seus pares devido à sua capacidade de se expressar em público e escrever majestosos sermões edificantes. No princípio de sua carreira monástica – por volta dos dezoito anos de idade, ou um pouco mais –, Guiberto teve o privilégio de ser aluno de Santo Anselmo de Bec (1033-1109), uma das cabeças mais brilhantes do pensamento medieval. Com Anselmo, ele encontrou a oportunidade de desenvolver sua capacidade intelectual e formar uma base filosófica sólida para entender os mecanismos de funcionamento da mente humana e o que seria mais natural ao bom progresso cognitivo de um verdadeiro cristão (ABULAFIA, 1992: 30-32).

Sabidamente, os monges foram os grandes responsáveis pela preservação de importantes obras do pensamento clássico e fomentadores dos hábitos de escrita e leitura entre os cristãos (GARCIA-VILLOSLADA, 1999: 254). O que o abade Guiberto em detalhes nos contou sobre a primeira formação que recebera e os apontamentos que fizera para uma educação infantil adequada são um precioso testemunho acerca da maneira pela qual o universo monástico beneditino medieval de sua época lidava com suas necessidades educacionais internas e latentes. Ensinar com propriedade, respeitar as singularidades do processo de aprendizagem, incentivar as boas obras, buscar a evolução espiritual contínua e punir com rigor e rapidez os que cometessem infrações eram diretrizes muito claras entre os responsáveis pela educação disseminada nos mosteiros do período medieval. Infelizmente, estes são alguns dos numerosos preceitos ensinados pelos medievais que a moderna pedagogia há muito perdeu de vista.

Trago a público os meus sinceros agradecimentos aos amigos **Inácio Frade** (Mestrando PPCIR-UFJF) e **João Gomes Silva** (Doutorando pela *Sorbonne*) pela gentileza de terem feito a leitura crítica desse artigo. Suas sugestões foram de extrema valia.

## Fontes Primárias

- A Regra de São Bento (edição bilingüe: latim/português). Juiz de Fora: Lumen Christi, 1999.
- ARCHAMBAULT, Paul J. *A monk's confession: the memoirs of Guibert of Nogent*. [S/l]: Pennsylvania State University Press, 1996.
- BENTON, John. *Self and society in medieval France*. Toronto: University of Toronto Press, 2002.
- LABANDE, Edmond-René. *Guibert de Nogent: autobiographie*. Paris: Les Belles Lettres, 1981.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Martins Claret, 2002.

## Fontes Secundárias

- ABULAFIA, Anna Sapir. "Theology and commercial revolution: Guibert of Nogent, St. Anselm and the Jews of northern France". *In*: ABULAFIA, David; FRANKLIN, Michael; RUBIN, Miri (ed.). *Church and city (1000-1500): essays in honour of Christopher Brooke*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, s/d.
- BYNUM, Caroline Walker. *Jesus as mother: studies in the spirituality of the high Middle Ages*. Los Angeles: University of California, 1982.
- COLOMBÁS, Garcia M. *La tradición benedictina: ensayo históricos (los siglos VI y VII)*. Zamora: Monte Casino, tomo segundo, 1990.
- \_\_\_\_\_. *La tradición benedictina: ensayo histórico (los siglos VIII-XI)*. Zamora: Monte Casino, 1991.
- COSTA, Ricardo da. "A educação infantil na Idade Média". *In*: *Videtur*, Porto, n. 17, 2002.
- \_\_\_\_\_. "A educação na Idade Média. A busca da sabedoria como caminho para felicidade: Al-Farabi e Ramon Llull (séculos X-XIII)". *In*: *Dimensões: Revista de História da Ufes*, Vitória, n. 15, p. 99-115, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Las definiciones de las siete artes liberales y mecánicas en la obra de Ramón Llull*. São Paulo/Porto: Mandruvá, 2005.
- DUBY, Georges. *O cavaleiro, a mulher e o padre*. Lisboa: Dom Quixote, 1988.
- GARCIA-VILLOSLADA, Ricardo. *Historia de la Iglesia católica (800-1303): la cristandad en el mundo europeo y feudal*. Madrid: BAC, tomo II, 1999.
- LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

- \_\_\_\_\_. “Sonhos”. *In: Dicionário temático do ocidente medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, v. 2, p. 511-529.
- MONGELLI, Lênia Márcia (coord.). *Trivium & quadrivium: as artes liberais na Idade Média*. São Paulo: Íbis, 1999.
- MULDER-BAKKER, Anneke. *Lives of the anchoresses: the rise of the urban recluse in medieval Europe*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2005.
- PARTNER, Nancy. “The family romance of Guibert of Nogent: his story / her story”. *In: PARSONS, John Carmi; WHEELER, Bonnie (eds.). Medieval mothering*. New York/London: Garland, 1996, p. 359-379.
- RUBENSTEIN, Jay. *Guibert of Nogent: portrait of a medieval mind*. New York: Routledge, 2002.